

# O Deus Dividido

Análise dos eventos em Hong Kong pelo grupo anticapitalista ☒ [Chuǎng]

Chuǎng



# Conteúdo

Notas

19

Desde a primavera árabe em 2011, o mundo tem sido dilacerado por mudanças tectônicas abruptas no cenário do potencial político. A certeza que uma vez embebia cada discussão da economia global, depois de uma década de crise, tornou-se um pensamento risível. Em retrospectiva, podemos argumentar que o “renascimento da história” começou na Argélia ou no Egito, mas agora a história está começando a se agitar mesmo nos países ricos, sob as cidades espalhadas e brilhantes construídas sobre décadas de especulação. Lugares outrora considerados estáveis – requerendo pouco mais do que a tendência periódica da gestão tecnocrática dos bancos centrais e dos *think tanks* – têm agora demonstrado que se baseiam em linhas de fratura

Então, como é a história quando ela desperta em Hong Kong? Vocês têm uma perspectiva melhor do que nós, certamente – olhos lacrimejando de gás lacrimogêneo, sangue nos dentes, a granalha de cimento e asfalto, poeira e suor. Essa proximidade tem benefícios, e ninguém que não tenha sentido isso pode realmente comunicar o que todos vocês sentiram, fizeram e sofreram no último meio ano. Mas há também uma certa claustrofobia: corpos pressionados juntos, escudos policiais empurrando, rixas emaranhadas na MTR. Às vezes, a proximidade pode estrangular a perspectiva. No meio de algo assim, as mais pequenas batalhas surgem como guerras e os argumentos mais mesquinhos podem tomar a forma de confrontos épicos. Às vezes, receber uma visão externa ajuda a reorientar o terreno, como olhar para um mapa das posições da polícia em meio à multidão quando você está tentando superar o inimigo.

Visto de longe, a lógica por detrás dos acontecimentos é muitas vezes opaca. Mas a intensidade das lutas também significa que aqueles que estão à distância invariavelmente virarão um olho oportunista para o seu movimento, empunhando-o como um porrete em suas próprias batalhas locais. Isto é muitas vezes transmitido como “solidariedade” pelos ativistas, e é em grande parte inofensivo, na medida em que continua a ser uma performance para as mídias sociais – já que tais pessoas têm pouco poder e nada podem oferecer em termos de apoio material ou oposição. Esta atenção, porém, assume uma forma mais perigosa quando provém de políticos e empresários que têm a capacidade de colocar a máquina do Estado a trabalhar em diferentes direções. Assim, uma visita a Hong Kong de um político como Ted Cruz tem implicações agravantes, assim como os vários protestos dos habitantes de Hong Kong agitando bandeiras americanas e buscando uma intervenção mais ou menos direta dos EUA – indo até mesmo ao ponto de apelar para o próprio Trump. Agora que o Hong Kong Human Rights and Democracy Act passou pela legislatura dos EUA e recebeu o apoio do presidente, as complicações destas táticas estão se tornando evidentes.

Tais eventos têm tido recepção mista nos EUA, e certamente em outros lugares. Por um lado, aqueles que se consideram uma parte da “esquerda” desprezaram imagens de Joshua Wong testemunhando perante o congresso ou Ted Cruz com manifestantes no aeroporto de Hong Kong. Os pontos da sua crítica são banais e equivalem basicamente a uma repreensão dos ingênuos de Hong Kong por terem chegado à direita moralmente comprometida do governo dos EUA. Talvez alguns de vocês sejam idiotas (caso em que seus sentimentos podem ser feridos), e talvez alguns de vocês sejam o inimigo (caso em que, quem se importa). Mas, caso contrário, é seguro assumir que vocês – como qualquer outra pessoa no mundo – sabem que a América não é vossa amiga. A crítica esquerdista tende assim a errar completamente o sentido. Algumas vezes, porém, uma versão mais matizada dessa crítica faz um gesto na direção correta, enfatizando que a intervenção dos EUA pode não ser tão viável ou desejável quanto se poderia supor. Este é um ângulo para o qual voltaremos abaixo.



Joshua Wong e Denise Ho testemunham no Congresso dos EUA em apoio à legislação que viria a se tornar a Hong Kong Human Rights and Democracy Act (Olivier Douliery/Getty Images)

Por outro lado, é seguro dizer que a recepção geral nos EUA tem sido amplamente positiva. Em parte, isso se deve ao fato de a Direita americana ter dado um novo impulso ao discurso da Guerra Fria, que tenta disfarçar seu próprio caráter cada vez mais autoritário, apontando novamente para o Perigo que se aproxima do Oriente. Isto pelo menos explica a reação ampla de apoio que a luta recebeu nos meios de comunicação ocidentais – algo que nunca se deu à quase-insurreição no Equador, ou à queima de Paris, e certamente não à nossa própria agitação interna. Este apoio muitas vezes exuberante dado aos protestos (mesmo quando violentos) pelos monopólios maciços da mídia tem proporcionado um caso de teste onde podemos ver algum do verdadeiro apoio popular que existe para tais eventos. Não é possível, neste sentido, reduzir o apoio a Hong Kong entre as pessoas comuns nos EUA a uma simples questão de lavagem cerebral de Direita. Em vez disso, podemos argumentar que a recepção positiva nos deu um vislumbre de como são as condições quando, por uma vez, os meios de comunicação social não estão alternadamente a obscurecer ou a condenar os acontecimentos no terreno, mas estão, de fato, a relatar sobre eles.

É informativo, portanto, ver como os acontecimentos em Hong Kong têm sido retratados no Ocidente, e nos EUA em particular, e como os habitantes de Hong Kong têm procurado apelar amplamente ao público americano (ou especificamente aos políticos americanos), na esperança de algum tipo de intervenção. Na mídia ocidental, vemos uma ênfase interminável no vago aspecto “democrático” do movimento, que nunca é definido nem aprofundado. Isto ajuda a criar a presunção entre a audiência de que as pessoas em Hong Kong estão simplesmente protestando na esperança de obter algo mais ou menos parecido com o sistema político dos EUA. Certamente este é o caso de alguns em Hong Kong, para quem a lógica do “inimigo do meu inimigo” penetrou profundamente no sangue, resultando em uma degradação incurável das faculdades mentais. Mas suspeitamos que aqueles que agitam a bandeira americana com qualquer crença sincera em seus corações são menos do que a mídia ou “a Esquerda” poderiam supor.



Ted Cruz visita Hong Kong em 2019 (Crédito: CNN)

O simples fato é que, devido à posição estrutural da cidade na cadeia do poder global, é difícil imaginar qualquer versão dos protestos de Hong Kong que não fosse forçada a sujar as mãos com apelos geopolíticos até certo ponto. É um estratagema básico contra a pior repressão: boa fama nos EUA, e favorecimento entre os políticos americanos (quem se importa de que lado da máquina política unilateral eles estão, afinal?), ambos põem a balança um pouco contra um destacamento militar no continente. A única desvantagem é que se torna muito mais fácil para o Estado chinês recorrer a tais apelos como provas de influência estrangeira. Isto pode ser inevitável, no final das contas, mas conduz a uma divisão sutil entre os habitantes de Hong Kong e potenciais aliados no continente. A forma flagrante como a maioria dos manifestantes tem até agora ignorado a perspectiva de tais alianças é, a propósito, a mais clara fraqueza do movimento. Mas, no final, mesmo que atribuamos os apelos do Ocidente à necessidade, é fácil ficar muito cheio de si mesmo, falando dos duros sacrifícios da Real Politik como se cada manifestante fosse um Henry Kissinger em miniatura. Fazer isso, porém, é também esquecer que os interesses concorrentes das políticas nacionais vislumbradas pela “Real Politik” sempre foram um mito que obscurece a distribuição descarada e unilateral do poder americano em todo o mundo.

É verdade que os habitantes de Hong Kong têm um território muito estreito para manobrar. Mas isso só torna mais essencial que o terreno real seja o mais claro possível. E neste momento a paisagem está se tornando cada vez mais obscurecida por um nevoeiro de fantasias geopolíticas, cegando os manifestantes para os potenciais que jazem no continente, ao mesmo tempo em que os atrai para a falsa luz lançada pelo distante mastodonte americano. O que isso significa? Usemos uma metáfora simples: neste momento, os habitantes de Hong Kong falam dos Estados Unidos e da China como se fossem dois deuses no topo de uma montanha, travando um combate. A esperança é que, para não serem esmagados debaixo dos pés da China, os habitantes de Hong Kong tenham de pedir proteção ao deus adversário. Talvez a América desça das nuvens para acalentar a Hong Kong nas suas mãos, ou talvez simplesmente proteja a ilha de um pouco da fúria da China. Talvez nem tanto assim. Durante anos, protestos na cidade declararam que Hong Kong está a morrer, ou que já está morta. Então talvez a esperança seja apenas que a dívida de sangue de Hong Kong seja paga – e que deus é mais adequado para tal apelo do que o mais sangrento e vingativo?



Crédito: Justin Chin/Bloomberg

Mas os dois países não são deuses, é claro. Na verdade, não são sequer dois países, no sentido presumido pela geopolítica. A China e a América são apenas duas das maiores porções de uma única economia global, repleta de contradições. Quando essas contradições se intensificam, parece que essas duas partes de um único corpo, voltadas uma contra a outra, são dois corpos distintos em conflito. É fácil cometer o erro. Como os deuses lutam nas nuvens, raramente ousamos olhar para cima, ocupados, pois estamos tentando não ser esmagados. Mas se você olhar acima para a escuridão, você pode começar a ver o contorno de algo diferente: ao invés de dois deuses em combate político, uma única e monstruosa divindade emerge através da névoa, seu corpo se une, não por estado, mas por economia. Ainda mais horrível é a percepção de que você mesmo – seu país, sua cidade, não importa onde – é uma parte minúscula e subordinada dessa única divindade que atravessa a terra. Só quando você vislumbra seu rosto você percebe que nunca houve dois deuses batalhando no topo da montanha, mas sempre um, dividido contra si mesmo, garras rasgando através de seu próprio peito, dentes afiados estalando em seus próprios tornozelos, dançando loucamente enquanto dilacera seu corpo e o mundo com ele. Neste momento estamos testemunhando apenas os passos iniciais nesta dança, algumas manchas de sangue que predizem o futuro ainda distante. Mas olhar para a realidade do deus da economia global, unidos em divisão, leva-nos a concluir que nem a China nem a América podem vencer, e se Hong Kong aposta em qualquer um deles, está a apostar no fracasso. Como se ainda não estivesse claro: todos vocês já fazem parte do corpo da economia global, mesmo quando estão esmagados sob o seu peso.

A questão é esta: Nunca confie em ninguém que fala do mundo em termos puramente geopolíticos, como se houvesse simplesmente “nações” que têm “interesses” que por vezes entram em conflito. A geopolítica é um holograma projetado sobre a dura realidade da economia, disfarçando sua evisceração globalizada no melodrama dos líderes políticos e do sentimento público. A posição de Hong Kong é certamente precária. Mas isto significa que é absolutamente essencial ver através da miragem da geopolítica e perceber o verdadeiro terreno do poder global, que é fundamentalmente econômico. Especificamente: econômico no sentido da organização social da nossa capacidade coletiva de produzir coisas, não no sentido limitado da “economia” a que nos aclimatamos, na qual a economia aparece como pouco mais do que as forças maniqueístas da oferta e da procura que se jogam nos mercados abstratos, sem atenção à produção ou à sociedade em geral. O que parece ser um conflito geopolítico entre dois grupos distintos de líderes políticos pode então ser percebido com precisão como uma contradição entre duas frações de uma única classe de elites econômicas que controlam a capacidade da sociedade de produzir e distribuir bens.

Contradição é um termo vago, então sejamos mais explícitos sobre o que é, exatamente, uma “contradição econômica”. Quando dizemos que há uma única economia global, mas que ela está dividida pela contradição, o que estamos dizendo é que, ao contrário das teorias econômicas mainstream, não há “equilíbrio” em um sistema capitalista. Capitalismo é o nome do sistema social e econômico atualmente existente em cada país do mundo, porque cada uma dessas economias nacionais está a) ligada em uma cadeia de dependências às outras e b) todas são fundamentalmente impulsionadas pelo lucro. Isto é uma simplificação, claro, mas apenas um detalhe é necessário aqui: a procura de lucro é administrada pela pequena minoria de pessoas em cada país que é proprietária da maioria das coisas naquele país – mas especialmente a terra, as fábricas, as fazendas, as lojas e armazéns e as inúmeras máquinas que são usadas para fazer as coisas. Esta minoria de elites exerce a sua propriedade através das empresas industriais, comerciais e financeiras em que são investidas, cada uma das quais está em competição com outras, a fim de garantir maiores quotas de mercado e, assim, obter lucros. Como as empresas falham, elas são eliminadas ou absorvidas por outras, tendendo a criar monopólios maiores com o passar do tempo. Esses monopólios são, então, muitas vezes, unidos de forma frouxa segundo as linhas nacionais, mesmo quando são de âmbito internacional, porque todos eles sofrem a mais feroz concorrência de empresas mais novas com melhor tecnologia e mão-de-obra mais barata em outros países. É esta competição entre aglomerados de grandes empresas de diferentes países, cada uma delas ligada a sistemas monetários nacionais valorizados nos mercados internacionais, que compõe a natureza de uma “guerra comercial”, já que cada país busca tratamento preferencial de suas próprias indústrias nacionais e movimentos preferenciais no valor de suas próprias moedas nacionais. É isto que se entende por “contradição econômica”, neste contexto.

Uma estratégia para enfrentar esta concorrência é que as empresas maiores e mais antigas dos países mais ricos externalizem mais da sua produção para os novos países concorrentes, criando um pacto que suplante as formas mais viciosas de concorrência. Hong Kong está naturalmente familiarizada com isto, já que foi o local de um pacto entre os EUA e a China: como as empresas americanas (ao lado das europeias e japonesas) procuraram externalizar a produção de baixa gama para o continente chinês, Hong Kong tornou-se uma interface essencial, fornecendo as redes financeiras e culturais necessárias para mediar entre os dois. Isso foi possível devido à proximidade física e cultural de Hong Kong, o que permitiu à cidade se desindustrializar rapidamente, terceirizando sua própria produção para o continente muito antes de os EUA começarem a seguir o exemplo, bem como ao seu distinto status jurídico-político, o que lhe permitiu agir como uma espécie de câmara de compressão protegendo o continente das turbulências dos mercados globais no processo de sua transição para o capitalismo. Mas tais pactos baseiam-se em desigualdades pré-existentes na capacidade industrial. Os EUA terceirizaram para o continente porque estavam sendo confrontados com o aumento dos custos em outros lugares do Leste Asiático. Não só os salários começaram a subir em Taiwan e na Coreia do Sul, mas em certas indústrias (como a fabricação de microchips), esses países tinham ascendido para se juntar ao Japão e à Alemanha como concorrentes diretos nos mercados que mais importavam. A guerra comercial de hoje é simplesmente o resultado deste compacto que se dissolve lentamente à medida que a China excede a sua posição subordinada. Já não sendo um país pobre que consegue canalizar mão-de-obra barata aparentemente infinita em cadeias de valor lideradas por monopólios americanos, a China tem agora menos para oferecer aos EUA e mais para ameaçar. Enquanto isso, a riqueza acumulada pelas elites chinesas nos anos do compacto EUA-China torna a dependência do capital estrangeiro menos essencial, embora ainda não desnecessária. Mais uma vez: aquilo a que hoje chamamos uma “guerra comercial” é realmente apenas um prelúdio de que o pacto EUA-China começa a dissolver-se. Certamente não é um sinal de que a relação já se dividiu em total antagonismo.

Mas o que é que isto significa para Hong Kong? Quais são as consequências práticas? A primeira conclusão dura é que nunca se teve e nunca se pode ter “um país, dois sistemas”. A ilusão de autonomia relativa que persistiu após a entrega foi fundamentalmente um resultado do compacto EUA-China, que *exigiu* a autonomia de Hong Kong para que a cidade pudesse transformar Renmibi em dólares e encaminhar o investimento estrangeiro para o continente. Este é o fato estrutural básico que sustentou a breve ilusão de “um país, dois sistemas”. Agora, com o continente mais diretamente aberto aos mercados globais, Hong Kong é simplesmente um dos muitos locais potenciais para serviços financeiros, preferível a outros apenas por causa de sua infra-estrutura existente, experiência e relações estabelecidas. Isto não quer dizer que não seja importante para a divisão global do poder, porém – na verdade – a tentativa do continente de substituir efetivamente o centro financeiro de Hong Kong por serviços de produção oferecidos em Xangai tem sido até agora muito menos bem sucedida do que o Estado deseja.

Mas isso também significa que a aparente invasão do continente em todos os cantos da cidade não é a substituição do sistema colonial de Hong Kong do capitalismo liberal por algum tipo de “socialismo autoritário” ou, se você quiser soar como um verdadeiro idiota, “comunismo”. O que está acontecendo em Hong Kong está acontecendo basicamente em todo lugar: as cidades estão se tornando inacessíveis para todos, exceto para uma pequena elite, a vigilância está se expandindo para cada rua e cada vez mais pessoas estão sendo presas em cárceres, prisões e “centros de detenção” cada vez maiores. Está acontecendo na América, onde assume um caráter racial; e está acontecendo na China continental, onde se justifica em termos de unidade nacional e uma repressão ao extremismo. Não há mais “dois sistemas”. Há apenas um: o capitalismo. A crise em Hong Kong não é, portanto, uma crise de invasão do continente. É uma crise em que a face do capitalismo foi revestida com a bandeira chinesa, assim como a posição financeira da cidade começou a corroer, forçando as pessoas a perceber que servir às necessidades da economia produz um mundo cada vez mais inacessível. Hong Kong está se tornando gradualmente desnecessária para a mediação entre o continente e o resto da economia global. Sobrevive através da inércia, e isto significa que cada vez mais a economia da cidade é sustentada pela crescente especulação. Nestas condições, você realmente acha que os investimentos imobiliários da família de Xi têm um efeito diferente na sua vida do que os de Li Ka-Shing? Claro que não. Os contratos escritos em cantonês dizem o mesmo que os escritos em mandarim.

Em segundo lugar, isto significa que os apelos ao poder americano por parte dos habitantes de Hong Kong, embora não necessariamente inúteis, podem ter apenas um efeito limitado. Como há um único sistema global liderado pelo poder americano, é impossível para Hong Kong se separar do continente e se juntar a uma esfera de influência diferente. O continente está bem dentro da estrutura de poder global americana, mesmo que a sua crescente competição com a indústria americana a obrigue a apresentar-se como algo fortemente separado. Da mesma forma, é impossível para Hong Kong alavancar sua posição como porto livre para participar e lucrar com a economia global sem ter que se integrar com o continente – que é de onde vem o grosso das mercadorias que passam pelo porto, afinal de contas. É justamente por isso que o Estado chinês tem se integrado rapidamente na “Área da Grande Baía” do Delta do Rio das Pérolas, uma vez que os políticos chineses percebem com precisão que a única esperança para a prosperidade econômica de Hong Kong sob o status quo exige conexões mais profundas com o complexo mega-urbano através da água. Como o deus dividido se despedaça, um apelo a qualquer uma de suas metades não fará nada para salvar esta extremidade da ilha esmagada sob o peso do conflito.

**...apelos ao poder americano por parte dos habitantes de Hong Kong, embora não necessariamente inúteis, podem ter apenas um efeito limitado. Como há um único sistema global liderado pelo poder americano, é impossível para Hong Kong se separar do continente e se juntar a uma esfera de influência diferente.**

Neste momento, é importante lembrar que a guerra comercial ainda é um conflito de baixo nível, que requer muitos anos para ser construído em maior escala. Mas se o conflito entre os EUA e a China continuar a intensificar-se, dois cenários prospectivos parecem mais prováveis. O primeiro é que a metade americana do deus dividido derrota a metade chinesa, paralisando-se no processo. Isto seria algo como a derrota dos japoneses no decorrer dos anos 80. A política monetária é o armamento nuclear das guerras comerciais, e a vitória americana foi assegurada através da opção nuclear. Com a assinatura do Acordo de Plaza em 1985, os japoneses capitularam e o iene foi deixado subir em relação ao dólar, devastando assim a competitividade da indústria japonesa. Mesmo antes do acordo, as taxas de lucro já vinham caindo há muito tempo no Japão e o capital tinha se voltado para a especulação e o investimento estrangeiro, especialmente em outros lugares da Ásia. A revalorização cambial acelerou essas tendências e desestabilizou o núcleo remanescente da indústria japonesa, resultando em última instância na bolha maciça de ativos que posteriormente explodiu em 1990, resultando nas “Décadas Perdidas”<sup>1</sup>. Com efeito, a porção japonesa do deus dividido da economia global cometeu suicídio ritual sob pressão de sua porção americana, mas o fez em prol da sobrevivência do deus como um todo. O declínio foi rápido e acentuado, arruinando as perspectivas de toda uma geração de jovens japoneses e empurrando as taxas de natalidade para tão baixo que o país ainda é apanhado numa armadilha demográfica que provavelmente condenará também as gerações futuras.

Mas como seria um cenário desses na China? Os resultados são difíceis de imaginar, uma vez que esses eventos estariam ocorrendo em uma escala muito maior. Além disso, a submissão do Japão ao poder americano ocorreu em um contexto totalmente diferente: já fazendo parte de uma aliança militar-econômica totalmente centrada nos EUA, a indústria japonesa nunca foi tão central para toda a economia global quanto a indústria chinesa é hoje. Entretanto, quando a crise japonesa ocorreu, ela foi suavizada pelo surgimento de outros pólos produtivos do Leste Asiático, incluindo a China, que assumiu a baixa na produção global. Quando o deus dividido atacou suas porções japonesas, foi como cortar um braço, sabendo muito bem que poderia voltar a crescer. Mas atacar a China hoje é mais parecido com a economia global se apunhalando no coração.

Os resultados podem ser lentos e subtis, a China a cair ainda mais numa armadilha de rendimento médio, o crescimento a abrandar ainda mais nos países de rendimento alto, novas pequenas guerras a re-bentarem no interior do mundo. Neste caso, Hong Kong permanece em grande parte na mesma situação, morrendo de atrito. Mas, embora menos provável, os resultados podem ser mais espetaculares: uma balcanização na China como a vivida pela União Soviética, cada facção de elites governando como oligarcas desunidas, novas incursões militares de um império americano na esperança de se rejuvenescer. Neste cenário, parece que Hong Kong poderia conquistar a independência. Mas a independência política baseia-se na independência econômica – e o que Hong Kong poderia fazer ou produzir em tais circunstâncias? Só poderia sobreviver cultivando exatamente o mesmo tipo de laços corruptos que mantém atualmente com exatamente os mesmos oligarcas do continente, mas agora numa base província-a-província. Será realmente muito melhor prestar homenagem ao Senhor da Guerra do que ao Imperador?

---

<sup>1</sup> Para mais detalhes sobre o papel da crise japonesa no desenvolvimento econômico regional, veja a nossa história econômica da época: “Red Dust: The Transition to Capitalism in China”, Chuang, Edição 2, 2019.





A Marinha chinesa faz um exercício nas águas perto de Hong Kong.

O segundo cenário possível é também pouco desejável. A dimensão, escala e situação da economia da China não é comparável à do Japão. A China mantém um controle muito mais forte sobre sua própria moeda, controles de capital muito maiores e, o mais importante, não é e nunca foi parte do complexo militar do Pacífico americano. Na verdade, tem sido em grande parte o objeto visado por esse complexo, colocando-o numa posição antagonista submissa, em vez da submissão colaborativa do Japão. Isto significa que se a China se recusar a submeter-se a uma derrota ao estilo japonês, a competição entre estas duas frações da classe capitalista global pode muito bem escalar para um nível de antagonismo não visto durante meio século. Em muitos aspectos, isto seria o retorno da rivalidade “clássica” imperialista, e envolveria a formação de moeda, capital, comércio e blocos militares alinhados com diferentes potências. No entanto, é um erro absoluto pensar que tais blocos já existem e que, portanto, é possível estar ao lado de um bloco norte-americano contra um bloco chinês. Como já argumentado acima, isto não é de forma alguma o caso hoje em dia. E, se tais blocos se formassem nos próximos dez a vinte anos, não importa realmente se Hong Kong seria integrada à força com o continente, ou se alguma versão de “um país, dois sistemas” poderia sobreviver a curto prazo – o único fato saliente é que uma Hong Kong demasiado aliada aos EUA seria uma cidade condenada à destruição. Neste sentido, uma forte intervenção diplomática dos EUA na luta de hoje poderia, na verdade, ser uma opção muito pior do que parece.

Nessas condições, o resultado menos violento pode ser um verdadeiro retorno às condições da Guerra Fria, com o mundo dividido entre duas superpotências ameaçando-o com a destruição militar. Isto difere de forma significativa da presunção hiperbólica de que já existimos em tais condições: O deus dividido poderia dividir-se ao meio, ambos os lados sofrendo e chicoteando o outro mais ferozmente por causa disso. Mas nesta guerra, ao contrário da Guerra Fria, cada lado seria o gêmeo económico dos outros dois lados do mesmo sistema capitalista separado de si mesmo, com cada lado a morrer à fome enquanto procura estrangular o seu irmão. Nessas condições, Hong Kong permaneceria o local de uma prolongada guerra por procuração, antes da sua eventual ocupação pelo continente. Alguns hoje esperam que, em tais condições, Hong Kong possa se tornar uma cidade-estado independente, semelhante a Cingapura, mas apoiada pela proteção direta dos militares dos EUA, como uma Taiwan em miniatura. A geografia e a história, no entanto, são grandes limites para tal possibilidade. A existência do estreito de Taiwan é e sempre foi crucial para a implantação do poder naval dos EUA, assim como o contexto da ameaça sino-soviética unificada. Sem uma divisão geográfica tão forte ou um inimigo militar tão poderoso, não é de todo provável que o mesmo nível de força dos EUA possa ser destacado na defesa de Hong Kong. E certamente não é possível em nenhum momento nos próximos anos, dispensando uma reviravolta inimaginável no seio do eleitorado americano.

Mas mesmo a ideia de que estamos a entrar numa nova Guerra Fria é uma presunção esperançosa, uma vez que a própria Guerra Fria foi baseada em duas superpotências militares vagamente equivalentes, presas em combate lento e estratégico. Hoje em dia, os EUA não têm equivalente. A China é mais fraca em todos os aspectos, capaz de lutar e talvez ganhar uma guerra defensiva, mas totalmente incapaz de ameaçar uma ofensiva. Se as tensões aumentassem nesse sentido, o resultado seria menos uma batalha estratégica lenta entre dois equivalentes e mais o desencadeamento sequencial de uma espécie de guerra civil global, à medida que os conflitos à escala regional eclodem diante de uma hegemonia americana em declínio, tensionada pelo conflito com a China. Esta opção – de uma terceira Guerra Mundial que de alguma forma evita a aniquilação nuclear – não é algo que se possa aplaudir. Mas, combinada com a vasta destruição provocada pelas mudanças climáticas, é a única coisa capaz de restaurar a rentabilidade da economia global a longo prazo. Como se sairia Hong Kong em tal conflito? Tantas condições teriam de mudar para que isto fosse possível que é difícil de especular. Mas, francamente, parece mais provável que a cidade fosse queimada até o chão – talvez pela China, expulsando “infiltrados” e aqueles que “provocam brigas”, ou talvez pelos EUA tentando “libertar” a cidade da mesma forma que “libertaram” Bagdá.

Parece que estamos sem opções, então, simultaneamente ligados e esmagados sob os pés do deus louco em sua dança que se estende pelo mundo. Mas a história não é feita por deuses. É feita pelas pessoas, e esta é uma lição que vocês em Hong Kong estão aprendendo rapidamente. Quer queiram ou não, a cidade já não é apenas uma ilha. Em vez disso, tornou-se parte de um arquipélago global de conflitos de classes, à medida que um novo surto de lutas rodeia o mundo – do Haiti ao Equador e ao Chile,

depois através do oceano à Catalunha, Argélia, Líbano, Iraque e, claro, as muitas esperanças e tragédias do Curdistão, antes de se deslocar mais para leste, para a Indonésia e, finalmente, para Hong Kong. Os participantes deste arquipélago de luta podem não estar ligados de nenhuma forma direta, mas todos se elevaram em chamas para se colocarem acima do mar do status quo. Ilhas de luta como esta formam-se porque as profundas forças tectônicas da história não pressionam uniformemente o mundo, nem pressionam em uma única direção. A terra treme primeiro em alguns lugares e depois em outros, e com demasiada frequência estas ilhas ardentes são igualmente submersas. Elas seguem em diferentes direções e parecem essencialmente desconectadas porque, em sua maioria, estão. A única força que as liga é o fato de serem todas produtos do renascimento da história e, portanto, atuam como janelas para o futuro. Mais ilhas se formarão e, para sobreviverem, devem eventualmente convergir. Estas lutas abrem um tipo diferente de ferida no corpo da economia global – uma espécie de mutação, poderíamos dizer, que ameaça transformar as formas fundamentais que a sociedade organiza a produção.

Entretanto, as velhas posições políticas estão sendo corroídas sob esta investida de luta e repressão. Em Hong Kong, as pessoas podem tentar agarrar-se aos termos herdados de eventos menores e mais limitados no passado, chamando-se a si mesmas (ou a outros) pan-democratas, localistas, defensores da semi-autonomia ou do estatuto de cidade-estado. Mas a realidade é que todos esses termos são obsoletos, porque não surgiram do movimento histórico – converse com qualquer um dos jovens na rua e apenas uma fração minúscula se identificaria com qualquer uma dessas designações. Isso não significa que a política como tal seja obsoleta, embora sempre se apresente assim quando ocorre algo de escala verdadeiramente histórica. Lentamente, vão se formando posições distintas das novas condições. Primeiro surgirão para tentar responder à questão do “o que fazer” no longo prazo do movimento, e depois as respostas iniciais, amplas, se subdividirão antes de se poder ganhar mais poder de compra. As subdivisões mais fortes não se basearão nas maiores diferenças analíticas (isto é, independência versus um país – dois sistemas), mas nas maiores discordâncias táticas, já que essas divisões táticas ajudam a focar a relevância das diferenças teóricas (isto é, só devem ser atacadas propriedades continentais e policiais, ou a propriedade dos capitalistas locais também deve começar a ser incluída? – e o que acontece quando elites de Hong Kong que antes apoiavam dizem que basta e pedem o fim dos protestos?) A evolução da cidade para Amarelo versus Azul é a primeira etapa deste processo – apoiadores do movimento contra os seus inimigos, e depois subdivisão em Vermelho e/ou Preto para designar as saídas mais diretas do poder continental, e Verde para instituições mais ambíguas. Mas eventualmente haverá necessidade de uma articulação mais detalhada do porquê e como este poder deve ser oposto, o que exigirá uma análise.



Grafite a dizer "Prefiro ser cinzas do que pó".

A partir desta análise, surgirão posições políticas mais coerentes. Aqueles que adotarem a limitada visão geopolítica delineada acima estarão se colocando em um rumo para o desastre. A escolha tática de agitar bandeiras americanas é atraente a curto prazo e talvez tenha sido essencial para obter a proteção menor oferecida pela cobertura da mídia global em larga escala. Mas a longo prazo, tais táticas interpretam muito mal o terreno. Mais perigosamente, tendem a alargar o fosso que existe entre os manifestantes de Hong Kong e os seus potenciais aliados entre os trabalhadores insatisfeitos do continente, cujas perspectivas estão estagnadas à medida que a economia abranda. Isto permite ao governo do continente usar os acontecimentos em Hong Kong para alimentar as paixões nacionalistas, o que ajuda a redirecionar a insatisfação interna para um inimigo “externo”. Embora pareça que este ódio está totalmente internalizado, é muito claramente o resultado de um aparelho midiático de grande escala no continente deslocando o ódio aos ricos para o ódio à juventude relativamente mais rica de Hong Kong – uma diferença sutil mas essencial. Os tipos de aliança que mais ameaçam a estrutura de poder tendem sempre a ser os mais naturais e os mais difíceis de realmente construir, porque tanto esforço é feito para fazer tais alianças parecerem antinaturais ou impossíveis. Desta forma, é tão provável que os apelos agressivos aos Estados Unidos tenham exatamente o efeito oposto ao pretendido, fazendo pouco para conseguir a intervenção americana, mas garantindo um endurecimento da reação nacionalista ao movimento no continente.

Entretanto, aqueles que tentarem se agarrar às antigas coordenadas políticas de Hong Kong serão rapidamente ultrapassados. Independentemente de serem pan-democratas, localistas ou algo mais, tais posições serão abandonadas ou transformadas em algo antes irreconhecível. Parece, pelo contrário, que a imagem mais precisa do terreno foi apreendida pelos manifestantes que a princípio parecem os mais nihilistas – aqueles que arrancam os tijolos das calçadas da Rua Argyle e rabiscam “se queirmos, você queima conosco”, ou “prefiro ser cinzas do que pó” nas paredes das estações da Mass Transit Railway queimadas por chamas. Como é possível que o agrupamento menos abertamente político – aquele que parece não querer nada mais do que ver a cidade queimar – seja, na verdade, o único com uma intuição precisa do terreno político real? Isto porque, por um lado, a sua própria falta de coordenadas políticas é um reflexo exato do estado da consciência coletiva do movimento. O seu ato literal de dilacerar a cidade é também um desdobramento figurativo do fundamento político e ideológico da cidade.

Por outro lado, estes jovens nihilistas têm uma verdadeira compreensão tanto da necessidade do poder na luta política como do fato de que essencialmente todos os poderes existentes estão alinhados contra eles e, portanto, precisam ser destruídos. Tal compreensão pode, naturalmente, evoluir para um nihilismo reacionário e suicida, que apenas deseja ver a dor infligida aos outros e, por isso, é capaz de aceitar a lógica do terrorismo, da guerra total e do extermínio do inimigo. Mas, no seu cerne, este nihilismo é, de fato, a semente de uma compreensão exata do terreno econômico global que está por trás da miragem da geopolítica. É a percepção de que não há como “salvar” Hong Kong, porque Hong Kong, tal como existe atualmente, só pode sobreviver dentro de um sistema capitalista global com a China no seu centro. Eles reconhecem que qualquer tipo de Hong Kong pelo qual todos pensem que estão lutando já está morto. A verdadeira questão não é como salvá-la, então, mas que tipo de espaços eles mesmos construirão sobre a areia sob as pedras de calçada. Talvez Hong Kong não seja o nome de uma cidade a ser lentamente morta. Talvez seja antes o nome de uma cidade que ainda não tenha sido construída.

# Notas

Biblioteca Anarquista



Chuǎng

O Deus Dividido

Análise dos eventos em Hong Kong pelo grupo anticapitalista ☒ [Chuǎng]

<https://coletivoponte.noblogs.org/post/2020/01/06/o-deus-dividido/>

Título original: The Divided God **Tradução:** Coletivo Planètes

**bibliotecaanarquista.org**